

## HISTÓRIAS DE MORTE E VIDA HÁ QUINHENTOS ANOS

LUÍS MIGUEL DUARTE<sup>102</sup>

### *Apresentação da fonte deste trabalho*

Nas Chancelarias Régias da Baixa Idade Média portuguesa há um tipo de documentos particularmente numeroso: as *cartas de perdão*. Surgidas, tanto quanto sei, durante o reinado de D. Pedro I, foram-se vulgarizando lentamente. Nas Chancelarias de D. Afonso V e de D. João II<sup>103</sup> elas são aos milhares, chegando quase a monopolizar alguns dos livros. Em trabalho anterior tive oportunidade de analisar demoradamente as *cartas de perdão*<sup>104</sup>. Para o presente encontro, limitar-me-ei a sublinhar alguns aspectos:

São documentos régios, portanto redigidos na primeira pessoa do plural. O rei, depois da titulação e saudações habituais, entra no assunto deste modo: “Sabede que a nos foi dito que *fulano...*”<sup>105</sup>. Depois resume uma história de um ou vários delitos de que teve conhecimento. Tomemos um exemplo:

“Dom Afonso etc. A todollos Juizes e Justiça dos nossos rregnos a que esta carta for mostrada ssaude. Ssabede que Diego Lopez natural da nossa çidade dEuora nos enviou dizer que em ssendo elle em idade de dez anos e andando em cassa do Ifante Dom Joham meu tjio que Deus aja estando em Sijnes h\_u seu cozinheiro lhe cortara a mão direita per cajom que lhe nom ficara outra coussa della ssaluo o dedo pollegar e a metade do menino e que despois que fora em idade de sseer homem h\_u Pedro Lourenço que sse chamaua de Vaasco Martinz de Mello o quisera matar ssem porque e que elle em defendimento de sseu corpo trazendo h\_a espada com a mão sestra lhe dera h\_a ferida da qual a cabo de poucos dias sse uijera a morrer e sse amorara por ello e despois ouuera aluara de sseguro e fora na batalha dAlferobeira em nosso seruiço e despois falla a sseu

<sup>102</sup> Faculdade de Letras da Universidade do Porto (História).

<sup>103</sup> Ambas originais, embora a primeira delas muito incompleta.

<sup>104</sup> DUARTE, Luís Miguel - *Justiça e Criminalidade no Portugal Medieval (1459-1481)*. Porto, 1993, dact., vol. 1, p. 33 e ss.; veja-se ainda, sobre a utilização da carta de perdão como fonte histórica, DAVIS, Natalie Zemon - *Pour sauver sa vie*.

*Les réits de pardon au XVI<sup>e</sup> siècle*. Paris, Éditions du Seuil, 1988; GAUVARD, Claude - “De Grace Especial”. *Crime, État et Société en France à la fin du Moyen Âge*. Paris, Éditions de la Sorbonne, 1991 (2 vol.); *La Faute, la répression et le pardon (Actes du 107<sup>e</sup> Congrès National des Sociétés Savantes)*. Paris, Comité des Travaux Historiques et Scientifiques, 1984, com várias comunicações de grande interesse para este tema; a revista “Sciences Humaines”, 60 (Abr. 1996), consagra à narrativa um bom *dossier*.

<sup>105</sup> As palavras são quase sempre estas; as variantes são reduzidas e sem significado.

biográfico e tomando como questão central “a transição dum estado para um outro”<sup>96</sup>. Múltiplas são as variantes construídas dentro deste modelo: a variante cronológica, para a qual “o tempo produz mudança”, é sensível à temporalidade dos eventos biográficos bem como à ordem em que eles se dão, ao tempo de permanência num estado ou numa situação; a variante bifurcativa, distinguindo períodos calmos de estabilidade e momentos de ruptura, cuida em especial destes “pontos críticos”, da “lógica da perturbação” e da “lógica cumulativa” que os acompanha; para a variante energética, que pressupõe como a anterior “o tempo heterogéneo”, “a ideia central é que há destinos prováveis e que, para os evitar, é preciso gastar energia; mas cada indivíduo possui um stock limitado de energia e deve decidir onde é que ele o investe”<sup>97</sup>, cuidando por isso de analisar os investimentos necessários para produzir as rupturas no percurso biográfico; a variante diferencial, baseada na concepção de um “tempo homogéneo” caracterizado pela “probabilidade de (a mudança) em cada momento ocorrer”, preocupa-se fundamentalmente com a “causalidade dinâmica” inerente a “eventos cujo sentido e eficácia evoluem no curso do processo”<sup>98</sup> e que, nessa medida, fazem a diferença na biografia. Predominam neste modelo as imagens de “agentes que se constituem no curso da acção”, com maior ou menor autonomia de acção.

Vendo nesta “descrição demasiado endógena (do percurso biográfico) que não admite nenhuma exterioridade ao percurso estudado”<sup>99</sup>, o “modelo estrutural” distingue-se na medida em que nele “prevalece a ideia de pré-estruturação dos percursos de vida ou das narrativas de vida por temporalidades externas organizadas segundo cadeias causais independentes e pré-existentes ao desenrolar das vidas individuais”<sup>100</sup>. As “cadências externas” ao percurso biográfico –à maneira dos tempos de Braudel, os “efeitos de idade”, os “efeitos de geração” ou os “efeitos de período”, a “normalização institucional das idades de vida”, etc.- tornam-se decisivas na organização causal da temporalidade biográfica. Desse modo, cada actor social é “um nó específico de temporalidades externas”<sup>101</sup> mais amplas, múltiplas e não necessariamente convergentes e sincrónicas.

---

<sup>96</sup> *Ibid.*, p.34.

<sup>97</sup> *Ibid.*, p.38.

<sup>98</sup> *Ibid.*, p.39.

<sup>99</sup> *Ibid.*, p.49.

<sup>100</sup> *Ibid.*, p.40.

<sup>101</sup> *Ibid.*, p.41.

quantificações, sem que seja possível avançar, para o fenómeno em estudo, explicações de maior profundidade” (T2 : 100).

A este momento de reflexão epistemológica, mede-se a actualidade do ensaio de Frédéric de Coninck e Francis Godard<sup>89</sup> sobre “as formas temporais da causalidade”. Nele se chama, com efeito, a atenção para “as figuras envergonhadas da causalidade”<sup>90</sup> que ocorrem nos discursos biográficos. É que, dizem os seus autores, “a biografia não pode evitar a questão dos encadeamentos cronológicos de eventos, salvo (...) diluindo-se e confundindo-se pura e simplesmente com uma exploração dos sistemas de representações, o que não é vergonhoso mas é outra coisa”<sup>91</sup>.

Perante os dois escolhos opostos que aguardam o trabalho etnográfico – considerar a biografia como singularidade extrema, porque única e irrepetível ou considerar a biografia como caso particular de um fenómeno social geral – a proposta é de encontrar “conceitos biográficos intermédios”<sup>92</sup> que possam articular-se com modelos organizativos dos eventos do percurso da vida e com representações nucleares dos actores sociais. A proposta dos autores referidos enuncia três grandes modelos – modelo arqueológico; modelo processual; modelo estrutural – com formas diferenciadas de concatenação causal dos eventos, com tipos diferentes de actores sociais.

O “modelo arqueológico” privilegia “o evento fundador que recapitula todas as causalidades anteriores a ele próprio e que funda todas as que se lhe seguem”<sup>93</sup>. Diferente nos diversos autores, o passado perdura e é eficaz pela “projectção” e pela “identificação” (Freud), ou interiorizado no “habitus” ou objectivado, como no diploma, mantém a inércia do seu esquema de comportamento até situação inédita ou crítica (Bourdieu) ou, ainda, dotado de múltiplos sentidos, é relido no presente, cabendo a essa releitura governar o projecto actual do indivíduo (Ricoeur). A figura do actor social pressuposto neste modelo é, em termos gerais, a de alguém “perseguido pelo seu passado que estrutura o seu presente e prefigura o seu porvir”<sup>94</sup>.

O “modelo processual” de organização temporal da biografia afirma-se como “uma crítica dum arqueologismo demasiado estrito para quem os jogos estão feitos desde o início”<sup>95</sup>, apontando “os elementos causais em funcionamento” ao longo do processo

<sup>89</sup> Coninck, Frédéric de; Godard, Francis, “Approche biographique à l'épreuve de l'interprétation. Les formes temporelles de causalité”, in *Révue Française de Sociologie*, XXXI, 1989, pp. 23-53.

<sup>90</sup> *Ibid.*, p.24. Lembra-se que “quando se quer evacuar pela porta os problemas da causalidade, a retórica do discurso sociológico fá-los reaparecer pela janela” (p.27).

<sup>91</sup> *Ibid.*, p.30.

<sup>92</sup> *Ibid.*, p.50.

<sup>93</sup> *Ibid.*, p.31.

<sup>94</sup> *Ibid.*, p.34.

<sup>95</sup> *Ibid.*, p.49.

“os arquivos e as bibliotecas” – quer pelo método de trabalho: “o historiador não extrai a verdade dos arquivos como a noz da sua casca ou o diamante da sua ganga; ele dialoga de facto com os documentos onde selecciona o que lhe parece interessante para as suas questões”. Esse “diálogo”, que serve como analogia para a metodologia da história – “tantas histórias / quantas as perguntas”, lembrava B.Brecht no seu poema sobre “Perguntas de um operário letrado” – como das ciências sociais, de resto –, acabou por ser o próprio processo real de constituição de informações sobre o “presente”. A recuperação do “presente” ou do “passado mais próximo” (T2 :100) para o campo da história, feita à custa do abandono de premissas tradicionais da disciplina e graças à diferenciação conquistada face às ciências sociais e ao jornalismo<sup>87</sup>, abriu um novo campo – a história do presente- e desenvolveu técnicas tradicionais da sociologia – as entrevistas e técnicas de observação – dando origem, rigorosamente falando, à incorporação de “testemunhos orais” na história mais do que à “história oral”.

Na perspectiva do Texto n<sup>o</sup>2, os “testemunhos orais” recomendam-se pela virtualidade que possuem de tornar acessíveis aspectos de eventos de outra forma condenados a permanecerem invisíveis e, muito especialmente, pela capacidade que têm de permitir “perceber melhor as diferenças intergeracionais” (T2: 104). Não será preciso acrescentar, aqui, o que Bédarida, por seu lado, testemunhou nestes anos de implantação deste tipo de história: “historiadores dum lado e testemunhos do outro procederam conscienciosamente ao confronto entre a investigação e a memória”<sup>88</sup>. O que é suficiente para pintar a cores vivas a frequente conflitualidade entre a “testemunha”, simples expectador ou protagonista, reivindicando a “verdade” para a sua “experiência” e o investigador que não pode abdicar de exercer o seu “ofício” em plenitude.

No estudo dos “percursos de vida” destinados a dar conta da mobilidade geográfica, o Texto n<sup>o</sup>2 confronta-se com uma deficiência generalizada: “faltam sínteses explicativas, modelos que dêem conta das especificidades espaciais, “regionais”, dos comportamentos demográficos” (T2 : 99); “os resultados que da mesma (fonte) colhemos são apenas

<sup>87</sup> Cfr. Bédarida, François, “L’histoire du temps présent”, *ibid.*, pp.30.32, ele próprio o fundador, em 1978, do “Instituto de História do Tempo Presente”. Num dos textos mais antigos sobre a questão –Aron-Schnapper, D.; Hantet, D., “D’Hérodote au magnétophone: sources orales et archives orales”, in *Annales*, XXXV, 1980, n<sup>o</sup>1, pp.183-199 – distinguem-se três lógicas profissionais com que podem produzir-se “testemunhos orais”: a dos “arquivistas”, no sentido tradicional, que “se contentam com recolher declarações e testemunhos, sem problemática precisa, e de os conservar para todos os fins úteis para os investigadores futuros” (p.190); a dos “historiadores” ou cientistas sociais em geral, que se preocupam em “responder a uma problemática precisa ainda que por vezes definida em termos vagos” (p.191); por fim, a dos “arquivistas orais”, “que trabalham para os historiadores futuros” e, por isso, com uma “problemática menos precisa”, aberta ao maior número possível de interrogações. Lógicas estas que acabam por influir na organização das entrevistas, relação entrevistador-entrevistado e número de entrevistas.

<sup>88</sup> *Ibid.*, p.32.

aconteceu até à versão final e indirecta da história, plasmada numa carta de perdão, operam uma série de filtros”(T1:91).

Nele se exercita, sem qualquer explicitação, uma orientação de análise que vai no sentido da “pragmática do discurso”<sup>83</sup>. Esse é, com efeito, o tipo de análise onde, por um lado, a “situação” como quadro geográfico-temporal da interacção se revela decisivo para a interpretação e o curso da acção social e onde, por outro, a linguagem é mobilizada não apenas para falar das coisas, das pessoas, dos eventos e dos processos mas para os fazer ou levar a fazer. Nesta perspectiva de análise se perscruta, por isso mesmo, não só o que as pessoas dizem mas também o que esperam poder fazer com o que dizem.

Os textos escritos são, todavia, uma parte apenas da “cultura material”, como no-lo recorda Ian Hodder<sup>84</sup>, e, como tal, deixam de lado outros segmentos que apelam para outros princípios de interpretação que não passam pelo enquadramento na análise da interacção social directa e imediata. Essa é a razão por que, no quadro das teorias auxiliares<sup>85</sup> de investigação, se torna necessário caminhar, com sentido de autonomia e especificidade, “para uma teoria da cultura material” Os vestígios da acção humana são, então, analisados como fontes de informação de uma certa sociedade ou grupo social quer na sua dimensão imediatamente utilitária quer na sua dimensão simbólico-cultural.

Acerca duma problemática concreta como é “a mobilidade geográfica dos migrantes no espaço citadino”, o Texto nº2 sugere as vantagens do cruzamento de duas fontes de informação: “registos de casamento” e “testemunhos orais”. Estes últimos são materiais privilegiados na mais recente evolução da produção de conhecimento histórico, na exacta medida em que são contemporâneos da mudança de perspectiva epistemológica no seio da “investigação do nosso passado mais próximo” (T2:100) e da aproximação recíproca entre as diversas ciências sociais.

Numa apresentação das práticas e dos métodos dos historiadores, A. Prost<sup>86</sup> definiu recentemente o seu “ofício” quer pelos lugares públicos que eles frequentam e usam -

<sup>82</sup> T1 e T2 referem-se aos textos seguintes: DUARTE, Luis Miguel, “Histórias de morte e vida há quinhentos anos”; MALA, Rui Leandro Alves da Costa, “Percurso de vida: reconstrução simultânea por testemunhos escritos e orais (o exemplo dos que se instalam na Cidade)”.

<sup>83</sup> Cfr. entre outros: Bruner, Jerome, “Pragmatics of Language and Language of Pragmatics”, in *Social Research*, vol. 51, nº4, 1984, pp.969-984; Mey, Jacob L., *Pragmatics. An Introduction*, Oxford, Blackwell, 1993; Fonseca, Joaquim, *Pragmática Linguística. Introdução, Teoria e Descrição do Português*, Porto, Porto Editora, 1994; Trognon, Alain; Larue, Janine, *Pragmatique du discours politique*, Paris, A.Colin, 1994.

<sup>84</sup> Hodder, Ian, “The Interpretation of Documents and Material Culture”, in Denzin & Lincoln (eds) *Handbook of Qualitative Research*

<sup>85</sup> Almeida, J. Ferreira e Pinto, J. F. Madureira, “Da teoria à investigação empírica. Problemas metodológicos gerais”, in Silva, Augusto Santos e Pinto, José Madureira (orgs.), *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Afrontamento, 1986, especialmente, pp.75-78

<sup>86</sup> Prost, Antoine, “Les pratiques et les méthodes”, in *Sciences Humaines*, nº especial 18, Set.-Out.1997, pp. 8-13.